

SOLTEIRICE E INVISIBILIZAÇÃO: A RELAÇÃO ENTRE RELIGIÃO E HOMOSSEXUALIDADE NO MINISTÉRIO EVANGÉLICO LGBTQ+ “MOVIMENTO CORES”

SOLTEIRICE AND INVISIBILIZATION. LIKE A NEGATION: THE RELATIONSHIP BETWEEN RELIGION AND HOMOSEXUALITY ON THE EVANGELICAL LGBTQ + MINISTRY “COLORS MOVEMENT”

RESUMO

Este trabalho é um estudo que relaciona religião, comunicação e homossexualidade. O artigo constitui o produto de uma extensa pesquisa empírica, pelo método de observação participante, sobre o Movimento Cores, um ministério evangélico ligado à Igreja Batista de Lagoinha, na cidade de Belo Horizonte-MG, voltado exclusivamente para a comunidade LGBTQ+. Com base na teoria dos dispositivos interacionais (Braga, 2011), foram percebidos inusitados sentidos simbólicos que configuram o contexto religioso que determina as condições de existência e permanência dessa comunidade no bojo de uma igreja conservadora: a invisibilização do ministério e de sua líder, promovida em cooperação com o próprio movimento; e relações subalternas, cujo teor especifica uma negociação de sentidos, simbolizada no termo “solteirice”, dentro da qual se aceita a identidade pela negação da sexualidade.

Palavras-chave: Religião. Comunicação. Homossexualidade. Dispositivos interacionais.

ABSTRACT

This work is a study on religion, communication and homosexuality. The article is the product of an extensive empirical research by the participant observation method on the Movement Cores, an evangelical group linked to Lagoinha Baptist Church, in the city of Belo Horizonte, MG, focused exclusively on the LGBTQ + community. Based on the theory of interactive devices (Braga, 2011), the religious context that determines the conditions of existence and permanence of this community within a conservative church was demonstrated: the invisibility imposed on the community and its leader, promoted in cooperation with the movement itself; and subaltern relationships, which specify a negotiation of meanings through the term “solteirice”, in which identity is accepted by the negation of sexuality.

Keywords: Religion. Communication. Homosexuality. Interactive devices.

Luiz Signates

Doutor em Ciências da Comunicação (USP); Docente Associado III do PPG Comunicação da Universidade Federal de Goiás; Docente Efetivo do PPG Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Goiás. E-mail: signates@gmail.com

Thales Moura

Mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Goiás; bacharel em Direito pelo Centro Universitário de Anápolis. E-mail: thalesrrmoura@gmail.com

Introdução

Os estudos de religião e homossexualidade tocam duas questões de alta sensibilidade social, que, surpreendidas juntas, fazem emergir conflitualidades potencialmente violentas. Constitui, na verdade, um conflito simbólico entre as identidades religiosas, dotadas de forte apelo de pertencimento e respaldadas pela tradição milenar não apenas do conservadorismo ideológico, mas também da estruturação dos tabus sexuais e sua manutenção no sistema social, com as identidades de orientação sexual, estas em plena fase de afirmação do direito de existência e manifestação pública, mas caracterizadas pela energia estruturante da sexualidade em contexto de conflito psíquico-social e de enorme sofrimento.

Este trabalho constitui parte do resultado de extensa pesquisa sobre essa conflitualidade, junto ao Movimento Cores, ministério evangélico ligado à Igreja Batista de Lagoinha (IBL), unidade Savassi, localizada na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais. Trata-se de um grupo voltado exclusivamente para a comunidade LGBTQ+, que existe desde 2013.

A pesquisa trabalhou com a metodologia da observação participante, pela qual o pesquisador, um dos autores deste trabalho, frequentou e participou das atividades do Movimento, ao longo de 35 dias, nos meses de junho e julho de 2018, a fim de saber quais as condições de existência e permanência da identidade e da experiência homossexual no contexto religioso evangélico da IBL. Deste modo, estamos tratando de um tema que possui resistências e adversidades: como uma igreja que se apropria de vários códigos religiosos e não religiosos, e abre um espaço para que o público LGBTQ+ possa produzir relações nela? Em que condições essas relações são produzidas?

O ponto de partida teórico foi a teoria dos dispositivos interacionais, formulada por José Luiz Braga (2011), a partir de estudos de Foucault e Deleuze, identificando a convivência conflitiva de três dispositivos interacionais diferentes e contraditoriamente interdependentes. Na esteira dessa abordagem, recorre-se à interpretação foucaultiana de Giddens, segundo a qual “a sexualidade não deve ser compreendida somente como um impulso que as forças sociais têm que conter. Mais que isso, ela é um ponto de transferência especialmente denso para as relações de poder” (GIDDENS, 1993, p. 28). O referido autor também lembra que a sexualidade é, na verdade, um termo que aparece pela primeira vez no século XIX e que começou a se tornar identidade de forma simultânea à invenção e à inserção social das mídias (GIDDENS, 1993).

A questão do conflito identitário assume uma perspectiva comunicacional, na medida em que “as identidades, mesmo que demarcadoras de tradições que se especificam e ganham permanência temporal, são surpreendidas em negociação de sentidos, em transmutação simbólica”, tratando-se, portanto, de uma “processualidade dos símbolos em movimento. O contínuo vir-a-ser dos elementos culturais” (SIGNATES e DAMASIO, 2017, p. 57). Esse pensamento decorre, inclusive, em uma noção específica de cidadania, na qual a comunicação passa a constituir um

elemento definidor dos vínculos identitários que especificam os direitos humanos (SIGNATES e MORAES, 2016).

A IBL é conhecida nacionalmente pela ampla rede de comunicação que possui, desde rádio, centenas de contas em redes sociais ligadas a seus ministérios e a existência de figuras específicas – pastores, cantores – que funcionam como uma espécie de influenciadores digitais, possuindo juntos mais de 5 milhões de seguidores. Tais elementos foram considerados no esforço de pesquisa, juntamente à experiência de campo, na qual se buscou observar os modos de inclusão e exclusão, presentes no contexto LGBTQ+ e religioso e, em especial, nas relações interacionais entre ministério (Movimento Cores) e igreja-mãe (IBL).

Breves informações sobre o objeto

É importante que expor nesse trabalho que a então denominada Igreja Batista da Lagoinha não é uma igreja qualquer. Desde 1964 a IBL se desvincou da Convenções da Igrejas Batista do Brasil e, com a chegada do pr. Márcio Valadão em 1972, começou a se tornar numa espécie de império.

Figura 1: A Igreja Batista da Lagoinha



Dessa organização eclesiástica, surgiu o grupo musical Diante do Trono, que nos anos 2000 acabou por produzir o 15º álbum mais vendido do Brasil (Preciso de Ti). E, no atual contexto sócio-histórico brasileiro, a Lagoinha ocupa um espaço de poder ainda maior, tendo na liderança do Ministério da Mulher, Família e dos Direitos Humanos a então ministra Damares Alves, pastora do quadro ministerial da IBL.

Cita-se também outros acontecimentos relevantes, como uma palestra de Deltan Dallagnol (na época procurador da Operação Lavajato) e um encontro

presencial do pastor Márcio Valadão com o presidente Jair Bolsonaro, logo após sua eleição. Na ocasião, o pastor postou uma foto em suas redes sociais orando pelo presidente.

Além de ser um ícone referencial para diferentes segmentos evangélicos, a Lagoinha é “uma organização religiosa híbrida, mutacional, midiática e com uma identidade que se faz e refaz, uma vez que já se ajustando a um tipo de cultura que é, ao mesmo tempo, urbana, gospel, tecnológica, mercadológica e comunicacional” (PEREIRA, 2011:7). Nela, o discurso dominante funciona como uma linha predominante dentro de uma igreja que já é conhecida por ser “uma rubrica sob a qual são organizadas inúmeras atividades e projetos: congressos, seminários, caravanas, viagens etc.” (ROSAS, 2015:20)

Regredindo cerca de uma década, surgiu em 2011 uma nova personagem no amplo cenário de figuras “midiáticas” que a IBL possui, a qual seria futuramente a líder do ministério que é corpus empírico neste trabalho.

Figura 2: Priscila Coelho, a líder do ministério Movimento Cores



Nascida em 1984 na cidade de Belo Horizonte e filha de pastores evangélicos, Priscila é descrita no site da Rede Super como missionária e estudante de Teologia Pastoral pelo Centro de Treinamento Ministerial Diante do Trono – CTMDT. Priscila Coelho possui dezenas de testemunhos como esses disponíveis nas redes sociais. Sua pessoa funciona como uma vitrine, como um cartão de visitas para o Movimento Cores e também para o molde cristão que a IBL supostamente aceita, em seu limite: alguém que consome cultura “secular”, que usa um cabelo e roupas modernas, mas que não possui relacionamentos homoafetivos.

Religião como dispositivo interacional do conflito identitário

A noção de dispositivo interacional presente neste trabalho decorre da teorização de José Luiz Braga (2011), a partir do conceito originalmente formulado por Michel Foucault (2015), reinterpretado por Deleuze (1990) e reformulado por Giorgio Agamben (2009).

Por este termo tento demarcar, em primeiro lugar, um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em sumo, o dito e o não dito são elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre esses elementos. (FOUCAULT, 1979, p. 364)

Essa ideia de dispositivo também está bastante presente em vários momentos de suas obras, principalmente no livro *Vigiar e Punir*, onde foi feito um estudo sobre o nascimento das prisões e como estruturas existentes (sejam elas uma prisão em si, um manicômio ou até mesmo uma escola), são dotados de dispositivos usados para produzir indivíduos dóceis, com corpos domesticados e sujeitos à vontade de outrem.

Gilles Deleuze efetua um clássico estudo sobre o conceito foucaultiano, conferindo-lhe precisão linguística, em perspectiva filosófica.

Os dispositivos têm, então, como componentes linhas de visibilidade, linhas de enunciação, linhas de força, linhas de subjetivação, linhas de ruptura, de fissura, de fratura que se entrecruzam e se misturam, enquanto umas suscitam, através de variações ou mesmo mutações de disposição. (Deleuze, 1990, p. 4)

Nesse parâmetro, a noção de dispositivo repudia os universais. “O universal nada explica, ele é o que deve ser explicado” (Deleuze, 1990, p. 4). O uno, o todo, o verdadeiro, e demais conceitos não são universais, mas processos singulares de unificação, totalização, verificação, objetivação, processo imanentes a um dado dispositivo.

Em seu ensaio “*O que é um dispositivo?*”, Giorgio Agamben (2009) avalia inicialmente os significados que essa palavra tem no uso comum dos dicionários franceses e nota que se dá ao dispositivo um sentido jurídico, um significado tecnológico e um significado militar. E distingue em três pontos:

- a) Um conjunto heterogêneo que inclui virtualmente qualquer coisa, seja essa coisa lingüística ou não;
- b) O dispositivo está sempre inscrito em uma relação de poder;
- c) É algo geral, uma “rede”.

A interpretação de Agamben sobre o dispositivo remete a ideias já reverberadas por Foucault: o panóptico, a inviabilização das formas de vida, a subjetivação àquele que exerce o poder/violência.

“Generalizando posteriormente a já bastante ampla classe dos dispositivos foucaultianos, chamarei literalmente de dispositivo qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres vivos. Não somente, portanto, as prisões, os manicômios, o Panóptico, as escolas, a confissão, as fábricas, as medidas jurídicas etc., cuja conexão com o poder é num certo sentido evidente, mas também a caneta, o cigarro, a navegação, os computadores, os telefones celulares e – por que não – a própria linguagem, que talvez é o mais antigo dos dispositivos...” (Agamben, 2009, p. 41)

O filósofo italiano enxerga três diferentes níveis no dispositivo: 1) a validação da instituição de forma direta, 2) resguardo de valores por meio do silenciamento e 3) reinterpretação dos valores da instituição. Apenas este último é entendido por Agamben como positivo, uma vez que os outros dois mostram seu caráter poder/violência.

José Luiz Braga, um dos principais pensadores contemporâneos da ciência da comunicação no Brasil, está entre os que mais têm explorado o termo foucaultiano, dando destaque ao momento em que o dispositivo se expressa na linguagem.

Em entrevista à revista *Dispositiva*, Braga afirmou que os dispositivos interacionais seriam um lugar possível para se estudar os fenômenos comunicacionais, tornando possível um diálogo produtivo com a diversidade de enfoques e abordagens observáveis no campo comunicacional. O pensador se apropria da possibilidade de tratar de elementos heterogêneos que pragmaticamente desenvolvem sistemas de relações perceptíveis na conjuntura social.

Braga enfatiza o aspecto interacional e, com isso, dá atenção às regras que caracterizam dispositivos empiricamente perceptíveis. Em Braga (2011), o dispositivo é uma rede de comunicação que as pessoas reconhecem como tal. Dispositivo é uma forma mais ou menos padronizada de circunscrever um parâmetro de comunicação. Por exemplo: a igreja é um *dispositivo interacional*. Já está presente no imaginário social um modelo arquitetônico, um estilo comportamental, uma fatia do mercado musical, práticas, ritos e cerimônias – ou, “interações” específicas – que transformam “igreja” num dispositivo interacional. E, como tal, pode ser considerada uma forma de organização da linguagem. É a organização de uma discursividade específica que gera interação entre as pessoas e transforma-se no simbólico.

(...) dispositivos interacionais podem ser adequadamente esse “lugar de observação”. Cada episódio comunicacional, na sua prática de fenômeno em ação, recorre a determinadas matrizes

interacionais e modos práticos compartilhados para fazer avançar a interação. Tais matrizes – culturalmente disponíveis no ambiente social (e em constante reelaboração e invenção) correspondem ao que chamamos aqui de ‘dispositivos interacionais’. (BRAGA, 2011, p. 5)

Dentro da teoria dos dispositivos interacionais, José Luiz Braga propõe a existência de dois elementos que compõe sua estrutura, os *códigos* e as *inferências*. Quando falamos em códigos estamos remetendo em primeiro lugar a sistemas de transposição, de criptografia. De forma mais vulgar, o código se refere ao “sistema de regras que, acionado pelos participantes de uma interação, estabelece possibilidades de entendimento, gerando uma potencialidade de ação comum entre aqueles” (BRAGA, 2013, p. 160). Em outras palavras, quando se fala em código está se falando em uma regularidade comum aos gestos e práticas de um determinado dispositivo interacional. O dispositivo é uma “constelação de códigos” (Braga, 2013, p.168).

Entretanto o código não se faz suficiente para compor um dispositivo interacional. Há ambientes que ele não é capaz de atuar. Nesses ambientes onde o código não atua dá-se o nome de “inferências” (BRAGA, 2013, p. 166). Este pesquisador adota também a ideia de que a comunicação pode ser vista por gradientes (BRAGA, 2012). Nesse sentido, “observar transformações acionadas pelo processo comunicacional deve ser produtivo para o conhecimento da nossa área” (BRAGA, 2013, p. 156).

Nessa perspectiva, as relações interacionais que conformam a comunicação, em dispositivos que demarcam os âmbitos concretos em que as relações simbólicas acontecem, são elementos estruturadores de identidades culturais. Evidentemente, uma identidade cultural não é feita de ferro e cimento: sua concretude é especificamente simbólica e relacional, e como tal é estruturadora de ontologias específicas, destinadas a estabilizar pertencimentos e reconhecimentos, bem como a promover a localização e, em casos limites, a exclusão de diferenças e riscos simbólicos.

Para Giddens, a identidade é “o próprio ser apreendido reflexivamente pela pessoa em relação à sua biografia” (GIDDENS *apud* CASTELLS, 1999, p. 27). A identidade é o modo como o ser se entende por meio do que ele vê na sociedade. Em outras palavras, constitui a forma como uma pessoa acha que outras pessoas a enxergam ou a imagem que o sujeito delineia de si próprio, a partir do imaginário de ser visto.

Por serem estruturantes do ser, as identidades mobilizam os sujeitos sociais, mesmo em sociedades complexas, como as democracias e os contextos urbanos contemporâneos, nas quais a fragmentação identitária constituiu-se como um dos modos de estruturação social e histórica da cultura (HALL, 2006). Os fatores que determinam os processos de fragmentação identitária atingiram as religiões em cheio, na modernidade. Desde a perda da hegemonia católica – no sentido etimológico da palavra, como “universal” – pela igreja cristã advinda da Idade Média, passando

pela pluralização denominacional das correntes protestantes e evangélicas, até a multiplicação das correntes espiritualistas integrantes do movimento New Age e de outras formas de crença (CAMURÇA, 2003), o pluralismo religioso estabeleceu o ambiente social de fragmentação extrema da identidade religiosa. Isso, contudo, não anulou a extraordinária força vinculativa da religiosidade – ao contrário, transformou a identificação com o sagrado num porto seguro para as angústias da sociedade de risco. Como afirma Giddens, “a religião é um meio organizador de confiança de mais de uma maneira” (GIDDENS, 1991, p. 93).

Se as identidades religiosas são ancestrais, as identidades ancoradas na sexualidade, para além da identificação bipolar dos gêneros masculino/feminino, constituem episódios recentes, na culturalidade fragmentária do mundo contemporâneo. Sem dúvida que a sexualidade humana é perpassada por esquemas de classificação “fundados na oposição e hierarquização entre masculino/feminino, a partir da oposição entre ativo/passivo, o que estabelece uma ligação entre sexualidade e dominação” (DOS ANJOS, 2000, p. 275). No contexto da hierarquia de bipolar de gênero, a categoria “homem” vincula-se à ideia de “ativo”, razão pela qual a condição de passividade ao gênero masculino, tanto quanto a de atividade para o feminino, podem receber diferentes atribuições de sentido, seja como “desvio”, seja como “homossexual” (esta definindo inclusive relações ativas de homens com indivíduos do mesmo sexo), configurando, enfim, a orientação sexual como uma identidade específica (CARRARA e SIMÕES, 2007).

A relação entre sexualidade e religião sempre foi extremamente conflituosa. Desde a antiguidade, as razões ancoradas no sagrado constituem um dos modos mais eficazes de objetivar a repressão sexual destinada à manutenção do tabu (NATIVIDADE e OLIVEIRA, 2013). Com a pluralização das identidades relacionadas à sexualidade, em um contexto de permanência da força identitária das religiões, ainda que fragmentadas, os problemas se tornaram múltiplos e complexos. A realidade social e política brasileira contemporânea, após as eleições de 2018, de predominância de forças de extrema-direita com forte ancoragem no conservadorismo religioso, tem contribuído para aguçar tais contradições, tornando as questões da violência de gênero, discriminação sexual e tolerância para com a homofobia, temáticas fundamentais para a perspectiva da afirmação dos direitos sociais no Brasil.

Este trabalho se desenvolve no encontro dessas identidades em conflito, com a preocupação de pensar a identidade LGBTQ+ com o prisma da realidade sócio-cultural brasileira. Ao tratar da religiosidade brasileira e do modo como ela se manifesta nos ambientes políticos, o antropólogo Marcelo Natividade (NEREP, 2015) evidencia a existência de uma “homofobia cordial” presente no discurso religioso brasileiro (o já conhecido amar o pecador e odiar o pecado) e também as chamadas “pastorais do sexo” (um neologismo focaultiano em referência ao poder pastoral). Para o antropólogo, é lugar comum na igreja evangélica brasileira o ambiente de hostilidade hegemônico.

O conservadorismo evangélico brasileiro é especialmente conflitivo com as identidades homossexuais. Segundo Ronaldo Almeida, da Unicamp, em debate com Natividade, o evangélico conservador brasileiro pode ser identificado como “economicamente liberal, moralmente regulador e socialmente intolerante” (NEREP, 2015).

“O evangélico médio é contra programas de distribuição de renda, tenta impor uma agenda moral por meio de seus diferentes poderes (político, midiático, demográfico) e toma atitudes sucessivamente homofóbicas, sexistas e de intolerância religiosa.” (NEREP, 2015)

O enfrentamento do conflito religião-homossexualidade perpassa o interesse acadêmico, mas também o ultrapassa, constituindo necessariamente uma perspectiva de luta por direitos. Como já afirmou de modo definitivo Boaventura de Sousa Santos, temos o direito de ser iguais sempre que a diferença nos inferioriza e de ser diferentes, sempre que a igualdade nos descaracteriza (SANTOS, 2010, p. 339).

Pretende-se, assim, perceber como efetivamente se dá esse conflito, num ambiente institucionalmente controlado, em que as duas identidades se encontram: o Movimento Cores, da Igreja Batista de Lagoinha, em Belo Horizonte. Para isso, buscou-se especificar os dispositivos interacionais existentes, pois se pressupôs – o que se verificou acertado em seguida – que condições assim só podem ser evidenciadas num quadro específico de delimitação simbólica de relacionamento e poder, no qual são demarcados os códigos religiosos e de sexualidade, bem como as condições inferenciais a que recorrerão os sujeitos, daí a utilidade da noção de dispositivo, a partir do marco teórico exposto. Evidentemente, tais elementos conformadores do dispositivo interacional em análise só podem ser descritos empiricamente.

Aspectos metodológicos

O pesquisador esteve hospedado na cidade de Belo Horizonte do dia 6 de junho ao dia 5 de julho, como observador participante. A pesquisa de campo foi planejada com o objetivo de introduzir-se na realidade dos membros do Movimento Cores, sendo aceito como um dos participantes.

Figura 3: Membros do Movimento Cores em momento de culto



Imagem Semic

Para entender o Movimento Cores é preciso contextualizá-lo e compará-lo com a realidade da Igreja Batista da Lagoinha (IBL) e a unidade onde o ministério acontece, a Lagoinha Savassi. Esses três elementos evidenciaram, à análise dos dados colhidos, como três dispositivos interacionais distintos, porém interdependentes: a IBL (igreja sede), a Lagoinha Savassi (culto de jovens e cultos noturnos) e o Movimento Cores (Grupo Alegria e Grupo Entendidos).

Notou-se as seguintes especificidades entre os três dispositivos:

Cultos da Igreja Batista da Lagoinha (Cristo Vivo, Celebração e Culto da Juventude)	Cultos da Lagoinha Savassi (Savassi Club e cultos de domingo)	Movimento Cores (Grupo Entendidos e Grupo Alegria)
<ul style="list-style-type: none"> - Iluminação trabalhada, detalhada, que colabora para a transmissão dos cultos ao vivo - Música com banda completa, ambiente e som de última geração - O conteúdo das preleções é simples, de fácil entendimento, até mesmo superficial. 	<ul style="list-style-type: none"> - Ambientes escuros, onde há luzes apenas no palco. Iluminação colorida e jovem, a qual imita um show. - Música com banda completa, porém não com o mesmo investimento financeiro da igreja-mãe - O conteúdo das preleções ainda é simples, porém não tanto quanto a igreja-mãe 	<ul style="list-style-type: none"> - Uso do mesmo ambiente escuro com luzes no palco, mas não chega a imitar um show - Música sem banda completa, apenas vozes e violão. - O conteúdo das preleções é mais robusto, invoca-se a filosofia, a sociologia. Em determinados momentos fala-se sobre direitos LGBT e militância.

Deixaremos de detalhar neste trabalho, por razões de limitação textual, os modos mais detalhados de funcionamento desses três dispositivos interacionais, a fim de nos concentrarmos apenas neste último, objeto das observações de pesquisa desenvolvidas. Seja suficiente dizer que os dois primeiros constituem dispositivos cuja ambiência era inteiramente heteronormativa, em contraste com o último dispositivo, o Movimento Cores, que funciona, nesse âmbito, como uma espécie de “gueto interacional” destinado ao mundo LGBTQ+.

O pesquisador, por sua condição de participante, não apenas foi admitido no contexto cultural do Movimento Cores, como também foi aceito em um ambiente mais íntimo e informal, no qual chegou a assistir a três jogos da Copa do Mundo, com Priscila Coelho, a líder do grupo, e seus amigos próximos, sendo estes quase todos integrantes do Movimento Cores.

Tabela 1 – Atividades em observação participante

Semana 1	Semana 2	Semana 3	Semana 4	Semana 5
Movimento Cores: Grupo Entendidos (06/06/18)	Movimento Cores: Grupo Alegria (11/06/18)	Jogo do Brasil – Copa do Mundo (17/06/18)	Lagoinha Savassi 2: Culto noturno (24/06/18)	Lagoinha Savassi 2: Culto noturno (01/07/18)
Savassi Club: Culto de Jovens (09/06/18)	Movimento Cores: Grupo Entendidos (13/06/18)	IBL Sede: Culto de Celebração (17/06/18)	Movimento Cores: Grupo Alegria (25/06/18)	Entrevista com Priscila Coelho (02/07/18)
IBL Sede: Culto Cristo Vivo (10/06/18)	Savassi Club: Culto de Jovens (16/06/18)	Movimento Cores: Grupo Alegria (18/06/18)	Jogo do Brasil – Copa do Mundo (27/06/18)	Movimento Cores: Grupo Alegria (02/07/18)
Movimento Cores: Grupo Entendidos (20/06/18)			Movimento Cores: Grupo Entendidos (27/06/18)	
		Jogo do Brasil – Copa do Mundo (22/06/18)	Visita a Rede Super (28/06/18)	
		IBL: Culto da Juventude (23/06/18)	IBL: Culto da Juventude (30/06/18)	

Fonte: Autor (Ano: 2018)

Invisibilidade como condição de presença

Os três dispositivos identificados, como se disse, não são separados, e sim interdependentes. A relação entre eles, contudo, é apresentadora de algumas dimensões relevantes do modo como religião e homossexualidade se relacionam, no contexto IBL/CORES. Tais dimensões assumem aqui a forma de “descobertas” da pesquisa de campo e objetivaram convergir para as ideias de inclusão e exclusão, entendidas como elementos presentes no contexto LGBTQ+ e religioso e, em especial, nas relações interacionais entre ministério (Movimento Cores) e igreja-mãe (IBL). Assim, puderam ser percebidos quatro condições.

- **A invisibilização do ministério:** o primeiro dado revelou uma regularidade e ao mesmo tempo uma discrepância. No decorrer dos cultos dentro dos ambientes “heteronormativos” notou-se que, durante cinco semanas, o Movimento Cores nunca foi citado na programação. Além disso, igreja-mãe (IBL) não exhibe nenhum tipo de informação sobre o Movimento Cores em sua grade de programação, não cita sequer a existência desse ministério nos vídeos exibidos em seus cultos, não possui material gráfico (flyers, panfletos) que façam referência ao Cores e, por fim, não possui sequer informações sobre o ministério em seu website oficial.

Entendendo que a igreja-mãe poderia ter uma realidade distante da vivida pelo ministério que ocorre na Lagoinha Savassi, esperava-se que pelo menos a própria Lagoinha Savassi se encarregasse de fazer a divulgação desse ministério. Ao contrário, falar sobre o Movimento Cores mostrou algo sempre evitado. Nos cultos de sábado (Savassi Club) e de domingo (os quais ocorrem na Lagoinha Savassi 2, um outro prédio), acompanhados pela pesquisa, o Movimento Cores jamais foi citado. O silenciamento observado ocorreu em todas as oito sessões de observação.

(...) O jovem ministrante volta ao microfone e dá boas vindas a visitantes que vieram do Rio de Janeiro. Em seguida, o mesmo jovem pede para que os visitantes levantem as mãos para que os mesmos sejam abraçados pelos veteranos. Ele convida todos a preencher formulários da igreja dando seus dados pessoais para que possam ser procurados em outro momento. Em seguida ele fala de todas as programações da igreja Lagoinha Savassi: cultos de domingo, células e estudo bíblico às quartas. O Movimento Cores não é citado. (Diário de Campo, dia 09/06/2018)

(...) A mesma dirigente volta após o intervalo e anuncia a programação semanal da Lagoinha Savassi: estudo bíblico na quarta, o Savassi Club, a venda de ingressos para a festa “Savassi Caipira”, e um café da manhã que será feito para novos membros. Por mais uma vez, o Movimento Cores não é citado. (Diário de Campo, dia 01/07/2018)

Figura 4: O único local onde há informações sobre o ministério Movimento Cores é numa parede, na igreja Lagoinha Savassi. Fora isso, nada mais é noticiado sobre o grupo.



Fonte: Autor / Imagem Semic

- **Atendimento sigiloso:** Outro dado digno de nota foi obtido na entrevista com a missionária Priscila Coelho. Após interrogá-la sobre a quantidade de pessoas que participam das atividades do Movimento Cores, ela afirmou que esse número gira em torno de 150 pessoas. Questionada sobre a validade da informação, uma vez que em nenhum dos cultos observados essa quantidade não foi constatada, Priscila retrucou dizendo que parte das pessoas “*não quer ser vista em público*” (Diário de Campo, dia 02/07/2018). Sendo assim, elas prefeririam receber atendimento espiritual em sigilo.

- **Solteirice e contato reprimido:** o terceiro dado que revelou discrepância foi o formato das relações dos integrantes do Movimento Cores. Enquanto nos outros cultos da Lagoinha Savassi (seja os de sábado ou de domingo) as pessoas permaneciam no templo após o término dos cultos, conversando e interagindo, o mesmo não ocorreu no Cores. Assim que o culto termina, todos vão para as suas casas, poucos conversam entre si. Com o passar do tempo em pesquisa, percebeu-se que isso poderia ser explicado por meio da teologia que o grupo segue. **Para o Movimento Cores, qualquer tipo de relação homoafetiva é pecado.** Assim sendo, grande parte dos integrantes busca o celibato, carinhosamente apelidado por eles de “solteirice”.

(...) a reunião se encerra. Notei nesse momento que é muito mais difícil se relacionar com visitantes do Movimento Cores. Muitos dos participantes são retraídos, mais tímidos do que o costumeiro. (Diário de Campo, 18/06/2018)

A noção de “solteirice” é estruturante do modo como se resolve, no Movimento Cores, a contradição entre o conservadorismo religioso e a identidade homossexual. Sem negar a homossexualidade – ao contrário, admitindo sua existência e permanência, já que os próprios fieis se confessam homossexuais –, reprime-se a prática sexual, a relação homoafetiva. Esse “ser sem fazer”, que talvez possa ser traduzido por uma espécie de “essência sem existência” ou uma “idealidade sem concretude” resume quase completamente a condição de permanência do Cores, no contexto evangélico conservador em que se insere.

- **A (in)visibilidade do líder:** Priscila Coelho é mais que a líder do Movimento Cores. Ela é, a um só tempo, a cara, a linha de frente e a vitrine do ministério. Em todos os cultos do grupo ela se fez presente, tomou a palavra e o dirigiu. Todo o conteúdo que existe sobre ela nas redes sociais é ligado ao Movimento Cores. Não existe a imagem de Priscila Coelho dissociada de sua função ministerial. Ao ser questionada sobre essa visão na entrevista, ela respondeu que sabia disso, que entendia a responsabilidade que carrega. Entretanto, na observação feita em uma das visitas aos cultos da Lagoinha Savassi 2, condição secundária, de escondimento ou invisibilidade na igreja tornou-se explícita:

(...) O culto começa pontualmente às 19h com o momento de música. Noto nesse momento que uma das participantes do Cores foi ao culto. Me junto à ela. Logo chegam mais outras quatro meninas. Todas se sentam exatamente na última fileira da igreja. Priscila também está na igreja. Ela não usa o crachá que os obreiros usam. Embora seja uma autoridade dentro da Lagoinha Savassi, ela não aparenta isso. (Diário de Campo, 01/07/2018)

Ao ser questionada sobre a sua condição de participação nos cultos da Lagoinha Savassi, Priscila alegou ter ela mesma pedido para não participar. Disse que não quer ir ao palco, não quer ir a frente, não quer ser objeto de atenção (*Diário de Campo, 02/07/2018*).

Conclusão

A sexualidade de um indivíduo possui a potencialidade de configurar-se numa identidade sexual que irá encontrar sérios embates dentro seu *ethos* evangélico (heteronormativo, conservador, excludente). A consequência desse embate é a evasão da comunidade LGBTQ+ das igrejas tradicionais e sua realocação em novos ambientes onde os códigos do dispositivo são outros.

Apesar da característica conservadora do código religioso da IBL (igreja-mãe), o Movimento Cores constituiu uma nova linguagem de um código “perfurado”. Há rupturas e suturas da identidade LGBTQ+. Dessa maneira a identidade sexual sofre

um “corte” que faz com que parte dela seja admitida e outra renunciada. Dentro da práxis de fé do grupo, os integrantes devem abrir mão de relações sexuais com pessoas do mesmo sexo e, por consequência, abrir mão da possibilidade de construção de um núcleo familiar. Entretanto, é lícito ao fiel membro do Movimento Cores fazer parte do universo LGBT e consumir sua cultura (roupas, músicas e linguagens), mas ele deve se restringir apenas a isso. No código religioso da IBL (igreja-mãe), nem mesmo o consumo cultural seria aceito.

Voltamos à pergunta inicial: em que condições o ministério Movimento Cores se faz existente? Os resultados de pesquisa sugerem que as igrejas Batista da Lagoinha e Lagoinha Savassi optaram por ocultar esse ministério como parte de si. Ou seja, ao mesmo tempo em que ambas as igrejas criam e financiam um ministério para LGBTs como parte de seus trabalhos, elas não o assumem publicamente.

E, por fim, condição talvez autoimposta de invisibilização, além da negação da sexualidade implícita na “solteirice”, consolidam que a experiência homossexual naquela vivência de religiosidade não constitui o exercício de um direito, nem ocorre num quadro de equidade e aceitação incondicional. O usufruto da fé se dá em condições de isolamento, de silenciamento em todos os âmbitos religiosos que não aqueles adremente demarcados e de convicta negação da própria sexualidade. A solução do conflito entre religião e homossexualidade é procedida contra os sujeitos, em sacrifício deles, exigindo-lhes o sofrimento da subalternidade e da negação de si próprios, mesmo que num discurso de alegria e de elogio do sofrimento como martírio santo.

Nesse quadro, torna-se legítima a hipótese de que o Movimento Cores, por meio de seus dispositivos interacionais, produza uma *sensação de pertencimento* nos membros do grupo. Conjectura-se que eles estejam junto de pessoas que partilham da mesma condição sexual, mas não tenham a percepção de que o grupo do qual fazem parte pode ser uma espécie de *apartheid* do ambiente religioso hegemônico.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. O que é dispositivo. In: O que é o contemporâneo? E outros ensaios. Chapecó: Argos, 2009, p. 27-51.

BRAGA, José Luiz. Dispositivos interacionais. In: XX Encontro Anual da Compós, 2011, Porto Alegre. Anais do XX Encontro Anual da Compós. Brasília: Compós, 2011. p. 1-15.

BRAGA, José Luiz. O que a comunicação transforma? In: BRAGA, José Luiz (et al.). *Dez perguntas para a produção de conhecimento em comunicação*, São Leopoldo, Unisinos, 2013

BRAGA, José Luiz. Interação como contexto na Comunicação. Matrizes, Ano 6, nº 1, p. 25-41, jul-dez/2012.

BRUCK, Mozahir Salomão; JESUS, Eduardo. Prof. Dr. José Luiz Braga: Dispositivos interacionais: lugar para dialogar e tensionar conhecimentos. Dispositiva, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 27-36, dez. 2011.

CAMURÇA, Marcelo. Espaços de hibridização, dessubstancialização da identidade religiosa e ideias fora do lugar. Ciências Sociales y Religión, v. 5, nº 5, p. 37-65, 2003.

CARRARA, Sérgio; SIMÕES, Júlio A. Sexualidade, cultura e política: a trajetória da identidade homossexual masculina na antropologia brasileira. Cadernos Pagu, nº 28, p. 65-99, jan-jun/2007.

CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. São Paulo: Paz e Terra, 1999

DELEUZE, Gilles. ¿Que és un dispositivo? In: Michel Foucault, filósofo. Barcelona: Gedisa, 1990, p. 155-161. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento.

DOS ANJOS, Gabriele. Identidade sexual e identidade de gênero: subversões e permanências. Sociologias, ano 2, nº 4, p. 274-305, jul-dez/2000.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. São Paulo: Paz & Terra, 2015.

GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Editora da Universidade Paulista, 1993.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

Lagoinha Savassi chega diferente e alternativa. Disponível em: <http://www.lagoinha.com/ibl-noticia/lagoinha-savassi-chega-diferente-e-alternativa/>. Último acesso: 25/02/2018

NATIVIDADE, Marcelo; OLIVEIRA, Leandro. *As novas guerras sexuais: diferença, poder religioso e identidades LGBT no Brasil*. Rio de Janeiro: Garamond, 2013.

NEREP | Mesa Redonda | Marcelo Natividade (USP) e Ronaldo Almeida (Unicamp) 26/08/2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ia26t938PPY&t=1980s> Último acesso: 30/07/2018

NUNCA É TARDE - “Movimento Cores” oferece orientação espiritual sobre sexualidade. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=503-5xWWx6g&t=672s>. Último acesso: 24/12/2017

PEREIRA, Reinaldo Arruda. *Igreja Batista da Lagoinha: Trajetória e identidade de um corporação religiosa em processo de pentecostalização*. 2011. Tese (Doutorado em Ciências Sociais e Religião). São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2011.

ROSAS, Nina. *Cultura evangélica e “dominação” do Brasil: mídia, música e gênero no caso do Diante do Trono*. 2015. Tese (Doutorado em Sociologia). Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2015.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitismo multicultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010, 2ª Ed

SIGNATES, Luiz; DAMASIO, João. Comunicação, identidade e performance: análise categorial de transições simbólicas como método de estudo dos ambientes de comunicação. In: *Questões Transversais - Revista de Epistemologias da Comunicação*, vol. 5, n. 9, jan./jun. 2017.

SIGNATES, Luiz; MORAES, Ângela (org). *Cidadania comunicacional: teoria, epistemologia e pesquisa*. Goiânia: Cegraf/UFG, 2016.

Recebido em 02/04/2019.

Aceito em 06/11/2020.